



47

REVISTA
PORTUGUESA
DE
HISTÓRIA

COIMBRA 2016

**Erudição e vida privada nos inícios do século XVIII
Um estudo de caso**

***Scholarship and private life at the beginning of the 18th century
A case study***

ISABEL FERREIRA DA MOTA

Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra
Centro de História da Sociedade e da Cultura – FLUC
ifmota@fl.uc.pt

Texto recebido em/Text submitted on: 31/01/2016

Texto aprovado em/Text approved on: 22/06/2016

Resumo:

O artigo propõe-se caracterizar a vida erudita em Lisboa no seu universo mais privado, procurando nesse espaço definir a intimidade e a sua cultura material. Para tal, toma como exemplo paradigmático Manuel Caetano de Sousa, um dos eruditos mais representativos das primeiras décadas do século XVIII e daquilo a que poderíamos chamar, usando um título de Paul Hazard, a *Crise da Consciência Europeia*.

Palavras-chave:

Vida Privada; Cultura Material; Erudição; Manuel Caetano de Sousa.

Abstract:

This paper aims at characterizing the private facet of scholarly life in Lisbon, with a particular focus on the places and material culture associated with scholar's intimacy. To that end, it elects as a case study Manuel Caetano de Sousa, one of the most representative Portuguese scholars of the early decades of the 18th century and of what might be named, after Paul Hazard, the *Crisis of European Consciousness*.

Keywords:

Private Life; Material Culture; Scholarship; Manuel Caetano de Sousa.

Referimo-nos já em publicação anterior¹ ao «Reino e Mundo literário» lisboeta e à forma como ele era permeável às relações pessoais, aos contactos individuais, ao cruzamento de correspondência, de empréstimo e troca de livros e de informações; ao cruzar de uma esfera semipública, nas Academias e na Corte ou nas sessões culturais dos conventos, abertas ao público, com uma esfera privada, mais íntima, ritmada pelo quotidiano, no recolhimento do gabinete de estudo. Desenvolvemos neste anterior trabalho uma análise sobre a poderosa sociabilidade cultural, alimentada pelas academias lisboetas. Vamos agora debruçar-nos mais em particular sobre a vida erudita no “aposento” ou “cubículo” privado de Manuel Caetano de Sousa, sito na Casa da Divina Providência. Manuel Caetano de Sousa é um erudito religioso, pertencente à Ordem dos Clérigos Regulares de São Caetano, portanto um teatino que vive na Casa da sua Ordem em Lisboa². Este teatino – já por nós estudado em trabalho anterior, entre outros académicos pertencentes ou não à mesma ordem – integra um grupo que caracterizámos em altura própria como configurando um «novo perfil de homem de letras, com grandes ligações internacionais e muito próximos das esferas do poder», bem implantados nas instituições e protegidos pelo mecenato régio³.

Para além de propor a D. João V a instituição da Academia Real da História e dele ser muito próximo, e mesmo conselheiro político, foi académico na Academia Real e em várias outras academias, além de procomissário geral do *Tribunal da Bulla da Crusada*. D. João V quis mesmo nomeá-lo bispo do Funchal, mas ele «respondeo, que não aceitaria emprego algum, que o retirasse do socego do seu cubículo, ou o privasse de poder estar aos pés de Sua Magestade»⁴. Filipe José da Gama, na sua *Oração Funebre na morte do illustrissimo senhor D. Manoel Caetano de Sousa...*, deixa transparecer a imagem da Casa da Divina Providência entre os seus contemporâneos: «Templo

¹ Isabel Ferreira da Mota, *A Academia Real da História*. Os intelectuais, o poder cultural e o poder monárquico no séc. XVIII, Coimbra, Minerva Coimbra, 2003.

² Ver António Camões Gouveia, «Teatinos» in Carlos Moreira (dir.) *Dicionário de História Religiosa de Portugal*, Vol. III, Lisboa, Circulo de Leitores, 2001, p. 271-274 e Sara Bravo Ceia, *Os Académicos Teatinos no tempo de D. João V. Construir Saberes enunciando Poder*, dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, 2010. Ver também Manuela D. Domingos, «Acervos oficiais da Real Biblioteca Pública. A doação dos Teatinos», *Revista da Biblioteca Nacional*, Lisboa, nº 2, Jul-Dez 1994, p. 75-121.

³ Isabel Ferreira da Mota, *A Academia Real da História ...*, cit., p. 68.

⁴ Tomás Caetano de Bem, *Memorias historicas chronologicas da sagrada religião dos clerigos regulares em Portugal...*, Lisboa, Regia Officina Typografica, 1792-1794, tomo I, p. 309.

da Religião, Domicílio da Política, e da Prudência, e Casa da Sabedoria»⁵. Isto é, espaço de cruzamento entre a religião, a política e a erudição. Relembremos que nesta Casa habitavam vários dos mais importantes académicos da Academia Real, que configurava ela própria, para além do mais, um centro nevrálgico de reflexão e de prática política e erudita.

Manuel Caetano de Sousa estabelece e mantém infatigavelmente uma rede de relações à sua volta. Deixemos, por esta vez, a sua vida pública: os seus constantes sermões enquanto orador aplaudido, «ainda dos ouvidos mais delicados», e as suas contínuas comunicações académicas nos espaços mais ilustres da Corte. Debrucemo-nos, antes, sobre o seu espaço de trabalho privado e o respetivo quotidiano. «Modelo de discrição, e cortesia... o melhor Mestre da política, que ensina a experiência», no dizer do Marquês de Valença⁶, Manuel Caetano de Sousa, filho bastardo de D. Francisco de Sousa, membro de uma muito antiga e nobre família, foi criado por sua avó paterna. D. Francisco de Sousa, passado o tempo da puerícia, levou-o para casa de sua avó – D. Leonor de Melo –, que o educou com esmero, vigilância e ternura. Fez os seus estudos com os melhores professores de Lisboa, nomeadamente frequentou o Colégio de Santo Antão, «verdadeiro Atheneo» da cidade. Determinava seu pai enviá-lo para a Universidade de Coimbra, mas ele preferiu trocar a vida de eclesiástico secular pela de religioso, retirou-se para a Casa Teatina, informando previamente disso apenas sua avó.

Para além de professor na Casa, Manuel Caetano de Sousa dedicava-se no seu aposento (os contemporâneos preferem o termo “cubículo” ou “aposento” ao de cela⁷), que o mesmo é dizer no seu gabinete de estudos, ao «otium studiosum», idealmente e moralmente nobre ou “enobrecedor”. Cultiva aí uma arte de bem viver, comum nas sociedades mundanas e eruditas, algumas organizadas como Academias, das quais fazia parte. Uma arte de viver livremente, isto é, não subjugada a um ofício servil, e arte inseparável de uma ética da generosidade⁸. Caetano de Sousa vive o quotidiano no seu aposento, segundo um ideal

⁵ Filipe José da Gama, *Oração Funebre na morte do illustrissimo senhor D. Manoel Caetano de Sousa...*, Lisboa Occidental, Oficina de Joseph Antonio da Sylva, 1736, p. 19.

⁶ «Elogio do P. D. Manuel Caetano de Sousa, que o Marquês de Valença recitou na Academia Real da História Portuguesa» in *Collecçam dos Documentos, estatutos e memorias da Academia Real da Historia Portuguesa*, Lisboa Occidental, Pascoal da Sylva -Joseph Antonio da Sylva, 1721-1736, volume de 1734.

⁷ Ver Rafael Bluteau, *Vocabulario Portuguez e Latino*, Coimbra, Collegio das Artes da Companhia de Jesus, 1712, Tomo II, p. 627.

⁸ Ver sobre estes temas: Marc Fumaroli, *La República de las Letras*, Barcelona, Acontilado, 2013 e Pedro Cardim, *O Poder dos Afectos. Ordem amorosa e dinâmica política no Portugal do Antigo Regime*, Lisboa, 2000, dissertação de doutoramento, FCSH-UNL, p. 425-432.

simultaneamente monástico e humanista, cultivando, ao lado da alta erudição, as virtudes da modéstia, da afabilidade e da amizade⁹, como veremos.

No entanto, nem sempre o conseguiu. Da sociabilidade erudita faziam também parte integrante as rivalidades intelectuais. Foram muitas as contendas e disputas na Academia Real e Manuel Caetano de Sousa participou também, tomando partido ou abraçando causas, disso nos dá conta a sua correspondência¹⁰.

I. O espaço da intimidade

Interessa saber que características teria este espaço, lugar desta arte de viver, e que atmosfera se respirava¹¹.

Tendo D. João V visitado, em certa ocasião, a Igreja dos Clerigos Regulares Teatinos «passou depois, como outras vezes fazia, á varanda, e corredor alto da mesma Casa a gozar da sua excelente vista, e desafio; e depois ordenou o conduzissem ao cubículo do Padre D. Manoel», demonstrando assim a consideração e o afeto que lhe tinha. Abrindo o Padre Sousa a porta do cubículo, diz-nos o Marquês de Valença, «Sua Magestade ... entrou nelle deteve-se algum espaço, olhando, e deleitando-se naquela pobreza, e nas alfayas de Religioso, e de Filosofo»¹². Entre os móveis e adereços do aposento do Padre D. Manuel avultavam certamente os livros, porque o monarca «disse ao Padre Sousa, que não supunha que o Padre tivesse juntado tantos livros, e que escolhidos por elle todos seriam excelentes: ao que o Padre respondeo, que a copia dos livros era efeito da grandeza de Sua Magestade, que para isso lhe dera meios»¹³.

E de facto assim era, o Padre Sousa tinha sido contemplado com o mecenato régio por várias formas, e a maior parte dos seus ordenados e da tença que gozava destinava-os à compra de livros. A sua livraria ultrapassava os sete mil volumes¹⁴.

⁹ «Amor», embora «não cego» - segundo o marquês de Valença - pelos companheiros.

¹⁰ Ver Isabel Ferreira da Mota, *A Academia Real da História...*, cit., p. 201-203.

¹¹ Segundo Orest Ranum, «nas sociedades antigas o íntimo nunca é um dado; há que procurá-lo em todos os sítios [lugares] e em todos os objectos que incarnam as emoções e os afectos humanos. Uma arqueologia se impõe... dos locais... e dos objectos que os guarneceram», ver «Os refúgios da intimidade» in Ph. Ariés e G. Duby (ed.), *História da Vida Privada. Do Renascimento ao Século das Luzes*, (vol. 3, dir. Roger Chartier), Afrontamento, 1990, p. 211. Ver Pedro Cardim, *The "public", the "private", and the "intimate" in early-modern Southern Europe. A historical perspective*, draft version, acessível em linha http://www.cham.fcsh.unl.pt/files/file_000294.pdf

¹² Tomás Caetano de Bem, *Memorias historicas chronologicas*, cit., p. 458 e Marquês de Valença, «Elogio do P. D. Manuel Caetano de Sousa...», cit., p. 14 e 15.

¹³ Tomás Caetano de Bem, *Memorias historicas chronologicas* ..., cit., p. 458.

¹⁴ Tomás Caetano de Bem, *Memorias historicas chronologicas* ..., cit., p. 459.

Nela juntava aos livros que comprou aqueles que lhe foram oferecidos, pelos amigos em Lisboa, pelos amigos que fez na sua viagem à Itália e a Barcelona, e ainda as obras da Academia a que tinha direito enquanto académico. Segundo o Marquês de Valença, esta livraria, pelos assuntos dos livros que a constituíam, «illustrava e santificava» o seu aposento. Do apreço em que o seu possuidor os tinha fala-nos Caetano do Bem, dizendo que «dos livros de seu uso [tinha] tal conhecimento, que somente pelo tacto os conhecia». Muitos deles estavam, certamente, encadernados com gosto e arte, ou não fosse Manuel Caetano de Sousa, como outros teatinos e académicos da sua casa, conhecedor de tudo quanto dizia respeito à bibliofilia. Arrumados, colecionados, talvez até, de algum modo, catalogados. Lembremos a estreita relação, cara a Roger Chartier, entre presença do livro, hábito de leitura e intimidade¹⁵. No seu aposento, espaço para o estudo e para a oração, o erudito está ligado às coisas que o rodeiam. Já nos referimos¹⁶ ao que estava e passava nas bancas de trabalho destes eruditos, particularmente à do Padre Sousa: listas de livros e respetivos preços, cartas contando «raivas com Impressores» e emitindo opiniões depreciativas sobre livreiros; e até um trabalho que ficou manuscrito sobre a *Arte de Livreiro*.

Com os livros, pois, uma relação afetuosa. Também Filipe José da Gama, seu biógrafo, se refere ao assunto, dizendo que de uma só vez pôs o Padre Sousa na biblioteca comum da Casa teatina dois mil volumes, «mas nem por isso experimentou alguma falta, pois de todas as partes do Mundo mandava trazer os melhores e mais raros exemplares». Teve ainda «grande parte de livros, que forão dos homens mais doutos dos passados dois seculos, que eles marginarão pela sua letra... [e] escreverão na primeira folha os seus nomes» e obras-primas, saídas das melhores oficinas da Europa. As estantes repletas criavam o ambiente do aposento. Sobre este pergunta Filipe José da Gama: «Quem já mais o vio ordenado e composto? Occasiões houve, em que se tiravão os volumes de muitas estantes para se averiguarem grandes duvidas; nem era fácil aos amanuenses collocaremnos outra vez nos seus lugares, pela repetição dos estudos»¹⁷.

Também Caetano de Bem se refere ao trabalho do dia-a-dia: «no seu mesmo aposento tinha examinado Livrarias inteiras, ...livros originaes antiquíssimos, grande numero de letreiros Goticos, e Romanos....Bibliothecas publicas, e a

¹⁵ Roger Chartier, «As práticas da escrita» in *História da Vida Privada*, ob. cit., particularmente p. 141.

¹⁶ Ver Isabel Ferreira da Mota, *A Academia Real da História...*, cit., p. 67-69.

¹⁷ Filipe José da Gama, *Oração Funebre na morte do illustrissimo senhor D. Manoel Caetano de Sousa...*, cit., p. 52.

Real...Medalhas...», etc., etc.¹⁸ E o próprio D. Manuel confessa, em carta a seu amigo, «nesta semana passei assentado na cadeira duas noutes seguidas de 4^a para 5^a, e de 5^a para 6^a»¹⁹.

Religiosa habitação onde, por um lado, se respirava silêncio e estudo, «quando o Senhor D. Manuel consultava os livros, quando passava os dias consigo, e com eles», mas, por outro, também «foy o seu Aposento outra Academia Tusculana, aonde o visitavam sempre as pessoas mais ilustres, e doudas da nossa Corte»²⁰. De facto, as visitas eram muitas. Mero exemplo é o de Fr. Apolinário da Conceição, que segundo o próprio relata, no «Prologo ao Leitor» da sua obra²¹, tinha tido a oportunidade de consultar a biblioteca dos teatinos pela mão de Manuel Caetano de Sousa, o que lhe permitiu consultar obras indispensáveis para completar os seus trabalhos. O empréstimo de livros era regular e até com D. João V o Padre Sousa trocava livros: um livro seu de momento não o tem «por estar na mão de S. Magestade» ou, em outra ocasião, «... me emprestou S. Magestade hum Livro que agora lhe chegou de Roma»²².

Presença assídua no aposento era a do seu secretário, a quem também apelida, por vezes, ajudante de estudos e de quem diz, em carta a D. Francisco de Almeida (temporariamente em Coimbra) de 5 de janeiro de 1732, «que não tem menos esperteza, que memoria»²³. De facto, desde 1710, que D. Manuel escreve de Itália ao seu grande amigo Conde de Assumar, dizendo: «Depois que me vi em Roma já não sey escrever senão por secretario porque esta terra não me tem ensinado mais que usar de comodidades e procurar alívios»²⁴.

¹⁸ Tomás Caetano do Bem, *Memorias historicas chronologicas...*, cit., p. 452. Cfr. Bruno Neveu, *Erudition et religion aux XVII^e et XVIII^e siècles*, Paris, Albin Michel, 1994, particularmente o capítulo «La vie érudite à Paris à la fin du XVII^e siècle».

¹⁹ Biblioteca Nacional de Portugal, Cod. 11185, fl. 107.

²⁰ Filipe José da Gama, *Oração Funebre na morte do illustrissimo senhor D. Manoel Caetano de Sousa...*, cit., p. 103 e 111.

²¹ Ver Federico Palomo, «Conexiones atlánticas: Fr. Apolinário da Conceição, la erudición religiosa y el mundo del impresso en Portugal y la América portuguesa durante el siglo XVIII», *Cuadernos de Historia Moderna*, 2014, Anejo XIII, p. 122.

²² Biblioteca Nacional, Cod. 11185, fl. 31 e fl. 57.

²³ B. N., Cod. 11185, fl. 27. Sobre D. Francisco de Almeida e a troca de correspondência com D. Manuel ver também Manuela D. Domingos, «Erudição no tempo joanino: a Livraria de D. Francisco de Almeida», *Leituras: Revista da Biblioteca Nacional*, N. 9-10, Outono 2001-Primavera 2002, p. 191-219.

²⁴ B. N., Cod. 8546, fl. 9.

O secretário de quem fala a D. Francisco é o Bacharel José Caetano de Almeida, a quem dita as cartas; e a correspondência é de tal forma viva que muitas vezes parece uma conversa a três: o remetente, o destinatário e o secretário, ou seja, o Padre Sousa, o secretário e D. Francisco – comentam, riem e resolvem dúvidas juntos; sobretudo, o Padre Sousa guia e orienta D. Francisco nos seus estudos. Comentam-se reuniões académicas, desejam-se as Boas Festas, fala-se do tempo, dão-se notícias da corte, comentam-se as últimas notícias da Gazeta. Não faltam muita ironia e alguma maledicência. Conversas epistolares que frequentemente repercutiam outras, de viva voz, tidas com «amigos de Caza, e de fora»²⁵. Quando tal se revela necessário, consulta os amigos e colegas da Casa - é por exemplo o caso do Padre D. Luís de Lima, sobre assuntos de Geografia²⁶ - ou consulta a Livraria da Casa. É, pois, o tipo de correspondência que Guez de Balzac apelidava de «conversas por escrito»²⁷.

Mas nem sempre a atmosfera que se respirava no aposento era de tranquilidade e bonança, por vezes era preciso armar-se para a guerra. Nas palavras do Marquês de Valença, de repente, depois de se ter levantado «entre os cincoenta Sabios da nossa Academia [Real] hum Schisma, ou motim judicioso.... o Senhor D. Manuel....depoem a modéstia.... esquece-se da urbanidade de companheiro» e, em hora de combate, «Fecha-se no seu aposento, appara as penas, revolve os livros, usa do seu grande engenho, e memoria, serve-se da sua rara prontidão, e facilidade, aparta-se de todos os mais estudos, corta pelas horas do sono, e do alivio, considera com vagar, dicta com cuidado, comunica com indiferença, emenda com sogeição, aperfeiçoa com felicidade, sahe a luz com aquella excelente, e estupenda Obra intitulada: *Expeditio Hispanica Sancti Jacobi*»²⁸.

²⁵ Ver Cod. 11185; Sara Bravo Ceia, cit., p. 96 e segs.; Isabel Ferreira da Mota, *A Academia Real da História...*, cit., entre outras, p. 201-203.

²⁶ Luís Caetano de Lima é autor da obra *Geografia histórica de todos os estados soberanos de Europa...*, Lisboa Occidental, Joseph Antonio da Sylva, 1734-1736.

²⁷ Ver Hans Bots & Françoise Waquet, *Commercium Litterarium. La Communication dans la République des Lettres/Forms of Communication in the Republic of Letters, 1600-1750*, Amsterdam e Maarsen, Holland University Press, 1994 e, dos mesmos autores, *La République des Lettres*, Editions Belin, 1997. Ver também J.-R. Armogathe, «Le groupe de Mersenne et la vie académique parisienne» in *XVII^e siècle*, 175 (1992), p. 131-139.

²⁸ «Elogio do P. D. Manuel Caetano de Sousa, que o Marquês de Valença recitou na Academia Real da Historia Portugueza » in *Collecçam de Documentos...*, vol. de 1734, p. 13-14. A obra referida é *Expeditio hispânica apostoli S. Jacobi Maioris asserta...*, Ulyssipone Occidentali, Josephus Antonius á Sylva, 1727-1732.

II. Objetos da vida privada

Avultavam no aposento de D. Manuel as muitas estantes e certamente mais do que uma banca de trabalho. Mas o seu aposento não era só um gabinete de estudo, era também lugar de oração. Para isso, lá estavam os livros dedicados a Nossa Senhora, a quem teve «suma devoção», mas também «o rigor dos silícios», possibilitando todos estes objetos da mais pessoal intimidade a frequência da oração e a repetição das disciplinas²⁹.

Sabemos ainda que no aposento que habitava estavam outros objetos. Ao que se deduz das palavras de Filipe José da Gama, tinha também «diversos instrumentos com que observava na Esféra o movimento das Estrellas»³⁰.

Povoavam ainda o espaço as ofertas dos amigos. Desde logo, e entre as outras penas, uma pena de ouro, primorosamente lavrada em Paris, oferecida por D. Francisco Xavier de Menezes, Conde da Ericeira, como prémio pelo 1º lugar num certame académico, ocorrido na academia de que era patrono. Ao prestígio da escrita, quis o Conde juntar o prestígio do objeto em ouro, o material mais nobre, ao que o Padre Sousa correspondeu com um dístico, configurado como um hino à amizade³¹.

De muitas das informações bibliográficas que fornece a seu amigo D. Francisco de Almeida refere o Padre Sousa que as trouxe de Itália. E, na verdade, as memórias da sua viagem à Itália e a Barcelona estão vivamente presentes no seu aposento. De imediato os apontamentos, que durante o percurso foi anotando, para a constituição de um Diário de viagem. Depois, os presentes dos amigos italianos e de Barcelona: obras oferecidas por Muratori ou por Bento Bachini, presentes oferecidos pelo Grão-Duque de Florença, obras que o próprio comprou, recordações de cidades, de academias, de vivências, de livrarias e de livreiros, de largas e amenas conversas – por exemplo com Magliabecchi –, algumas junto ao fogo e envergando um roupão, símbolo do conforto e privacidade. De tudo se serviu largamente nas suas obras.

Estão também presentes as cartas, as recebidas e as cópias das enviadas. Cartas, ou já sumariamente encadernadas, como hoje as encontramos, ou ainda em maços, cuidadosamente guardados e colecionados. Cartas, elas próprias, de uma elegância extrema, refletindo as melhores regras da arte

²⁹ Ver Marquês de Valença, «Elogio do P. D. Manuel Caetano de Sousa, que o Marquês de Valença...», cit., p. 15.

³⁰ Filipe José da Gama, *Oração Funebre na morte do illustrissimo senhor D. Manoel Caetano de Sousa...*, cit., p. 89.

³¹ Tomás Caetano de Bem, *Memorias historicas chronologicas...*, cit., p. 457.

epistolar³². A epistolografia é, como pensa Roger Chartier³³, uma das formas da escrita «ordinária», quotidiana e privada. Com alguns amigos, portugueses ou não, que tinha deixado em Itália e Espanha, continuou D. Manuel a trocar correspondência, epístolas que são testemunhos de uma amizade e entreeajuda que se quer manter viva e perene («os Escritores Hespanhoes....Ferrerias....e Berganza, ambos meus amigos»). Mas o leque dos seus correspondentes é muito variado e os códices da Biblioteca Nacional, contendo cartas de Manuel Caetano de Sousa, dão-nos a medida da sua dimensão. Saber notícias do mundo era uma preocupação permanente, fazia parte do seu quotidiano e fazia as delícias da sua vida privada, para além de ser um trunfo na vida pública. O tom das epístolas varia, das mais formais às cartas pessoais, carregadas de expressões de amizade e afeto, mas todas cumprindo os apurados registos da civilidade de corte.

Os correspondentes são numerosíssimos. Da correspondência com D. Francisco de Almeida ficamos a saber que o amigo se empenhará na distribuição da recente obra de D. Manuel na Galiza, enquanto este último o informa «do grande numero de bons Livros que agora trouxe de França hum Livreiro vizinho do Conde de Santiago»³⁴ e nos quais poderá estar interessado. Oferece-se também D. Manuel para mandar vir de Castela os livros de que o amigo tem necessidade e igualmente para comprar outros em Lisboa. Em carta seguinte dá notícia das obras que o livreiro «já tinha mandado buscar a França»³⁵.

Estão também guardadas cartas do Cardeal da Mota, do Cardeal da Cunha, do Duque Estribeiro Mor. Cartas do Paço, do Marquês da Fronteira, do Marquês de Abrantes, bilhetes e recados:

³² Embora tema com larga bibliografia nacional e estrangeira, ver, entre outros: João Luís Lisboa e Tiago dos Reis Miranda, «A cultura escrita nos espaços privados» in José Mattoso e Nuno Gonçalo Monteiro (dir. e coord.), *História da Vida Privada em Portugal. A Idade Moderna*, Temas e Debates, 2011, p. 366-391; Roger Chartier, «As práticas da escrita» in Philippe Ariès e Georges Duby, *História da Vida Privada. Do Renascimento ao século das Luzes* (vol. 3, dir. Roger Chartier), Porto, Edições Afrontamento, 1990, p. 113-161; Fernando Bouza (coord.), «Cultura epistolar en la alta Edad Moderna. Usos de la carta y de la correspondência entre el manuscrito y el impreso», *Cuadernos de Historia Moderna*, 2005, Anejo IV; Ana Cristina Araújo, «A correspondência: regras epistolares e práticas de escrita» in Margarida Sobral Neto (coord.), *As comunicações na Idade Moderna*, Fund. Portuguesa das Comunicações, 2005, p. 119-145.

³³ Ver «Los secretários. Modelos y practicas epistolares» in Roger Chartier, *Libros, lecturas y lectores en la Edad Moderna*, Madrid, Alianza Editorial, 1993, p. 286.

³⁴ B. N., Cod. 11185, fls. 68 e 119 v.

³⁵ B. N., Cod. 11185, fl. 149.

«Tenho eu negócio importante, que comunicar a V. P. esta manhã pelas nove oras, e porque poderá ser que ele se não resolva logo, o previno desendolhe, que jantará comigo, e que traga por companheiro ao P^c. D. José Barboza³⁶.

Paço 29 de Dezembro de 1728

Marquês de Abrantes³⁷»

Cartas do Conde de Assumar, do Marquês de Alegrete, do Conde de Vilar Maior, muitas cartas do Conde de Ericeira, etc. Muitos bilhetes com assuntos da Academia Real da História, várias cartas pedindo apoio para protegidos, outras devolvendo livros – como é o caso da devolução de trinta volumes emprestados pelo Conde da Ericeira – muitas delas exprimindo o “mais profundo affecto”. Tomás Caetano de Bem resume ao dizer que, com Caetano de Sousa, tiveram correspondência «os maiores eruditos desta Corte, de cujas doutas, e deliciosas cartas se podião formar para sahirem á luz alguns Tomos»³⁸.

Mas perpassa também nestas coleções o seu vivo e contínuo interesse pela política, a firme vontade de proteção dos interesses da Coroa³⁹, a troca de informações sobre os tratados e a política internacional. São exemplo disso as numerosas cartas enviadas ao Conde de Assumar⁴⁰, D. João de Almeida, embaixador extraordinário de Portugal a Carlos III e as cartas recebidas do enviado André de Melo e Castro, que lhe escrevia de Roma, em julho de 1713 :

«.... Aqui não temos novidades que mereçam dizer-se e só as que ouvimos de Utrecht a respeito dos nossos interesses nos poem em hua grande apreensão, e se nos castelhanos se conserva ainda aquelle antigo odio que sempre nos tiveram...não podem achar melhor conjunctura para exercitallo....»⁴¹.

O seu aposento não exclui o mundo, é antes um retiro de onde se constrói um ponto de vista sobre o exterior, o mais próximo e o mais longínquo. Do seu quarto olhava o “mundo”.

As cartas familiares marcam igualmente presença, traduzindo o carinho de seu pai, do irmão, do tio, do sobrinho, da sobrinha e afilhada, Leonor, a quem empresta livros, a quem ouve carinhosamente e orienta.

³⁶ D. José Barbosa é igualmente teatino e académico.

³⁷ B. N., Cod. 7697, fl. 213.

³⁸ Tomás Caetano de Bem, *Memorias historicas chronologicas ...*, cit., tomo I, p. 463.

³⁹ B. N. Cod. 11185, fl. 137: «que nunca se possa dizer que eu consenti que em obra da Academia se imprima cousa alguma contra a Coroa».

⁴⁰ Ver B. N. Cod. 8546.

⁴¹ B. N. Cod. 7697, fl. 366.

O seu aposento, local ameno para o cultivo da correspondência, era-o também para ler, corrigir e emendar os trabalhos dele e dos outros, mas não só. O Conde da Ericeira integra no catálogo da «Biblioteca Sousa» toda uma miscelânea de intimidades: «cinco volumes de quarto de Miscellanea, que contém Poesias, Cartas Portuguezas, Latinas, e Italianas, apontamentos, e idéas para compor alguns livros...Nestes volumes se incluem também [além das Poesias] apontamentos de agradável, e amena variedade»⁴².

Espaço de estudo, de oração, de conversa, espaço de privacidade e intimidade, onde sempre quer voltar depois das suas exigentes tarefas públicas. Lugar retemperador entre as múltiplas atividades, é fácil ainda ouvir abrir e fechar a porta: «Meu Amigo e meu Senhor: hoje por força heide ser curto porque agora chego de fora, e já estou pera partir pera a Academia»⁴³.

⁴² Conde da Ericeira, «Biblioteca Sousa, ou Catalogo das Obras, que compoz o Reverendissimo Padre D. Manoel Caetano de Sousa...» in *Collecçam dos Documentos e Memorias*, cit., Num. XVI, 1736, p. 239.

⁴³ B. N., Cod. 11185, fl. 29.

